

## AS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS E A REPRESENTAÇÃO DO SUJEITO PRONOMINAL

por Elyne Giselle de Santana Lima Aguiar Vitória (UFRJ/CNPq)<sup>1</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, focalizamos a variação das construções existenciais na fala culta alagoana, com o intuito de observar como essa variação ocorre e se há uma tendência ao uso de DPs pronominais na posição de sujeito. Para tanto, utilizamos a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), associada a estudos linguísticos sobre as construções existenciais e a representação do sujeito pronominal (AVELAR; CALLOU, 2007, 2011; AVELAR, 2009). Os resultados mostram que há uma preferência por *ter* sobre *haver* e *existir* e essa preferência favorece as realizações de *ter pessoal*, indicando que há uma tendência à realização de DPs pronominais.

**PALAVRAS-CHAVE:** construções existenciais; DP pronominal; língua falada.

### INTRODUÇÃO

Estudos linguísticos mostram que o português brasileiro está em processo de mudança no tocante ao feixe de propriedades relacionadas ao Parâmetro do Sujeito Nulo, apresentando comportamentos mais alinhados com as línguas de sujeito não nulo, como o inglês e o francês. Dessa forma, além do alto percentual do preenchimento do sujeito de referência definida (DUARTE, 1993, 1995, 2007, 2012), os sujeitos de referência arbitrária também começam a ser realizados foneticamente, apresentando formas de indeterminação alternativas às prescritas pela tradição gramatical (CAVALCANTE, 1999; DUARTE, 2007, 2008; RUMEU, 2011; VARGAS, 2012).

Entre os efeitos colaterais da mudança na marcação paramétrica, também podemos citar a perda da “inversão livre”, havendo uma preferência pela ordem SVO (BERLINCK, 1989; COELHO, 2006; COELHO; MONGUILHOT; MARTINS, 2008) e a tendência a preencher a posição pré-verbal em construções com verbos inacusativos e verbos impessoais (entre os quais verbos “climáticos”, de “alçamento” e “existenciais”), o que contribui para preservar a ordem XVDP (COELHO, 2000; SPANO, 2002; DUARTE, 2007; BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2009; SANTOS; SOARES DA SILVA, 2012). No caso das construções existenciais, temos o uso de *ter pessoal* sem que haja a atribuição de uma semântica possessiva à sentença (DUARTE, 2003; AVELAR, 2009; AVELAR; CALLOU, 2011).

---

1. Doutora em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Alagoas e pesquisadora de Pós-Doutorado Júnior – CNPq da Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro, sob a supervisão da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Maria Eugênia Lammoglia Duarte.

A realização de construções existenciais formadas com o verbo *ter* que apresentam DPs plenos na posição de sujeito gramatical decorre do fato de que, no português brasileiro, há uma preferência pelas sentenças com *ter* sobre *haver* e *existir*, uma preferência que, segundo Avelar e Callou (2007), é mais uma evidência do “encaixamento” da mudança que parece operar no sistema. A remarcação do Parâmetro do Sujeito Nulo no português brasileiro permitiu que *ter* tomasse o lugar de *haver* nas construções existenciais que, por sua vez, tem permitido a emergência de sentenças existenciais formadas com o verbo *ter pessoal*.

Neste estudo, focalizamos as realizações das construções existenciais formadas com os verbos *ter*, *haver*, *existir* e *ter pessoal* na fala culta alagoana, como observamos em (1), (2), (3) e (4), servindo o adjetivo “culto” apenas para marcar a fala de indivíduos com curso superior completo. Nosso objetivo é confirmar que *haver* passou a ser um verbo existencial substantivo, como é o caso de *existir*, e que *ter* teria assumido o posto de existencial canônico e essa preferência por *ter* tende a favorecer o uso de sentenças existenciais formadas com *ter pessoal*, principalmente de sentenças que apresentam DPs pronominais na posição de sujeito.

- (1) *Tem* asfalto na pista desde 2008.
- (2) *Há* asfalto na pista desde 2008.
- (3) *Existe* asfalto na pista desde 2008.
- (4) **Nós** *temos* asfalto na pista desde 2008.

Para a descrição e análise dos dados, utilizamos a Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 2008[1972]), associada a estudos linguísticos recentes que descrevem as realizações das construções existenciais no português brasileiro e a representação do sujeito pronominal (AVELAR, 2006a,b, 2009; AVELAR; CALLOU, 2007, 2011), buscando verificar que restrições favorecem e/ou inibem a entrada dessas construções na fala culta alagoana e se há uma tendência ao uso de construções existenciais com *ter* em que a posição de sujeito é preenchida por um DP pronominal.

A amostra analisada é composta da fala espontânea de 24 informantes alagoanos que possuem o ensino superior completo, coletada no período de fevereiro a julho de 2010 e estratificada segundo as variáveis faixa etária – F1 (15-29 anos), F2 (30-44 anos) e F3 (acima de 44 anos) e sexo – masculino e feminino (cf. VITÓRIO, 2012b). Para a análise estatística dos dados, utilizamos o programa computacional GOLDVARB X e controlamos, além da variável dependente *ter*, *haver*, *existir* e *ter pessoal*, as variáveis independentes tempo verbal, especificidade semântica do argumento interno, ausência *versus* presença de elementos à esquerda do verbo, tipo de preenchedores à esquerda do verbo, faixa etária e sexo.

Nosso trabalho está organizado da seguinte forma: na seção 1, apresentamos algumas considerações sobre as realizações das construções existenciais no português brasileiro; na seção 2, descrevemos os resultados obtidos, mostrando, primeiramente, a distribuição de uso dos verbos *ter*, *ter pessoal*, *haver* e *existir* e os grupos de fatores que favorecem e/ou inibem o uso dessas construções e, em seguida, as realizações de DPs pronominais na posição de sujeito das construções existenciais formadas com o verbo *ter*.

## 1. AS CONSTRUÇÕES EXISTENCIAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Muitos têm sido os trabalhos que procuram mostrar empiricamente que, no português brasileiro, *ter* é o verbo existencial canônico (CALLOU; AVELAR, 2000; DUTRA, 2001; SILVA, 2001; DUARTE, 2003; MARTINS; CALLOU, 2003; VITÓRIO, 2011, 2012b). Esses estudos mostram que, apesar do alto percentual de *ter existencial* na língua falada, há fatores que ainda condicionam o uso de *haver*, a saber, argumento interno com traço [+ abstrato], verbo no tempo passado, falantes mais velhos e mais escolarizados.

Na língua escrita, devido à pressão normativa a que tende essa modalidade de uso da língua, *haver* é o verbo existencial canônico. No entanto, estudos de Callou e Duarte (2005), Avelar (2006b) e Vitória (2012a) já mostram a implementação de *ter* na escrita padrão. Na escrita escolar, por sua vez, verificamos, conforme Vitória (2010), que é o verbo *ter* que apresenta um percentual maior de realização, mas com o aumento do nível de escolarização dos alunos, há um aumento no percentual de uso de *haver existencial*.

Para explicar a implementação de *ter* possessivo em contextos existenciais, Avelar e Callou (2007), usando uma abordagem não lexicalista (HARLEY; NOYER, 2003) da Teoria de Princípios e Parâmetros em sua versão minimalista (CHOMSKY, 1995), argumentam que as construções possessivas, copulativas e existenciais apresentam uma mesma estrutura de base, ou seja, uma mesma base derivacional e que a roupagem lexical dessa estrutura subjacente ocorreria após o processamento sintático, caso que não ocorre com outros verbos existenciais, como é o caso de *existir*, que participa do processo sintático desde o início da derivação, levando-o, assim, a uma frequência de uso razoavelmente constante e baixa.

Os autores também mostram evidências de que, com a redução do paradigma flexional, o sistema perde a categoria *pro-referencial*, o que impossibilita ao falante atribuir uma interpretação possessiva ao sujeito nulo das sentenças formadas com o verbo *ter* pessoal, havendo, assim, uma reanálise das construções possessivas em construções existenciais, uma vez que estas dispensam a instanciação de um sujeito pleno. Em seguida, a perda de *pro-expletivo*, categoria necessária para a realização de *v* estativo como *haver*, contribui para a supressão desse verbo no sistema linguístico. Dessa forma, as ocorrências de *ter* tendem a aumentar, enquanto as realizações de *haver* tendem a diminuir.

Avelar (2006a) também propõe que a baixa frequência de *haver* e suas restrições de uso em alguns contextos existenciais são resultados do fato de esse verbo ter deixado de compor o acervo de itens funcionais e migrado sua matriz para o acervo de itens substantivos, residindo ao lado de itens como *existir*, *acontecer* e *ocorrer*, indicando, assim, que, no português brasileiro, não há a competição entre *ter* e *haver* como duas formas funcionais. Dessa forma, a variação *ter* e *haver* em construções existenciais no português brasileiro seria “[...] desencadeada pela ‘alimentação’ da **gramática periférica** no processo de escolarização (em oposição à **gramática nuclear**, construída no processo natural de aquisição da linguagem [...])” (AVELAR, 2006b, p. 101), não havendo, na gramática internalizada dos falantes, tal variação, com *ter* ocupando o posto de verbo existencial canônico.

Outro fator que tende a favorecer o uso de *ter existencial* é o fato de que esse verbo, diferentemente de *haver*, permite a inserção de itens lexicais na posição estrutural de sujeito, favorecendo, assim, a implementação de construções existenciais que apresentam DPs plenos na posição pré-verbal (DUARTE, 2003; CALLOU; DUARTE, 2005; AVELAR, 2009; AVELAR; CALLOU, 2011). Esses estudos apontam que essas construções, por um lado, atendem às imposições do sistema no sentido

de realizar foneticamente a posição do sujeito e, por outro, relacionam-se ao fato de o português brasileiro exibir características de língua de proeminência de tópico (DUARTE; KATO, 2008).

Dessa forma, esperamos encontrar um percentual maior de realização do verbo *ter* e essa preferência por *ter* favorecerá o uso de *ter pessoal*, considerado aqui como mais uma forma alternativa de evitar o uso de *haver*, que, devido ao seu caráter de verbo existencial substantivo, apresentará um baixo percentual de uso, assim como o verbo *existir*. Quanto ao uso de DPs pronominais, acreditamos que haverá uma tendência a realizá-los, tendo em vista as mudanças relativas à posição de sujeito por que vem passando o português brasileiro.

## 2. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

### 2.1. Variável dependente

No cômputo geral dos dados, analisamos 381 construções existenciais, distribuídas em 223 construções com *ter*, 99 construções com *ter pessoal*, 32 construções com *haver* e 27 construções com *existir*, que representam os seguintes percentuais:

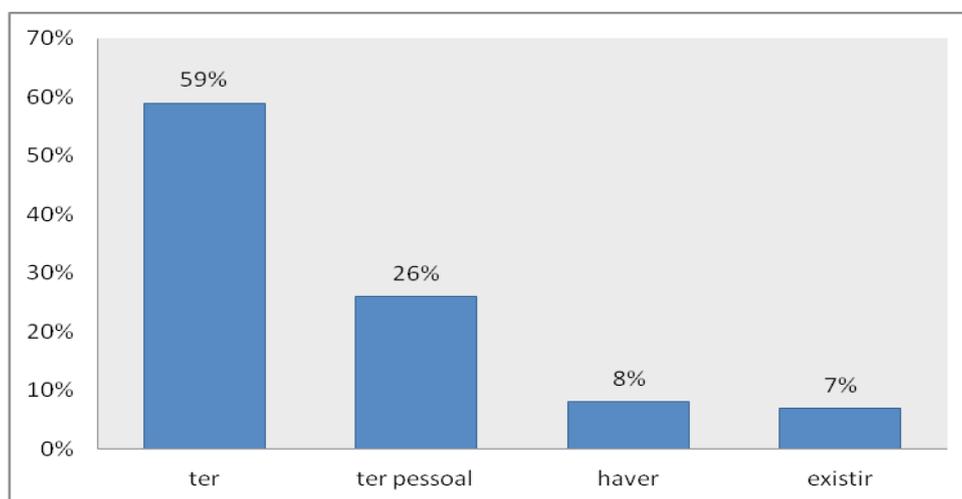


Gráfico 1: Percentuais de realizações das construções existenciais na fala culta alagoana

Esses resultados mostram, como já esperávamos, que, na fala culta alagoana, há uma preferência pelo uso de *ter* – 59%, fato que corrobora a ideia de que, no português brasileiro, esse é o existencial canônico, como observamos em (5) e (6). E essa preferência favorece a realização de *ter pessoal* – 26%, o que nos mostra que o falante, ao evitar o uso de *ter*, tende a não realizar *haver* e *existir*, mas *ter* em construções pessoais, como observamos em (7) e (8).

(5) [...] e *tem* uma outra viagem que é agora em outubro (L5L233)

(6) agora mesmo tava lá fora aí não – vou entrar porque *tem* três homens de baixo de uma árvore e eles estão assim digamos assim mal vestidos (L6L330)

(7) **você** *tem* espaço no setor público (L58L2348)

(8) **eu** *tenho* esse profissional aqui (L47L1795)

Considerando o conjunto de construções formadas com os verbos *ter* e *ter pessoal*, ficamos com um total de 322 construções existenciais, representando, assim, um percentual de 85% dos dados contra apenas 15% de *haver* e *existir*, como observamos em (9) e (10). Na qualidade de verbos existenciais substantivos, *haver* e *existir* apresentam, respectivamente, percentuais de 8% e 7%, o que nos permite argumentar que *haver*, no português brasileiro, é uma forma gramatical presente apenas na língua escrita, devido ao conservadorismo linguístico a que tende essa modalidade de uso da língua.

(9) *houve* uns dois crimes que chocaram um pouco (L31L1436)

(10) muita coisa /mais, mas/ assim a gente vê a percepção dele de educação de investir de tentar sanar alguns problemas que *existem* né? (L67L2525)

## 2.2. Variáveis linguísticas

No que diz respeito à atuação da variável *tempo verbal*, verificamos, conforme a análise da tabela 1 e do gráfico 2, que os verbos *ter* e *ter pessoal* não só apresentam o mesmo comportamento linguístico em todos os tempos analisados, como também concentram suas realizações no tempo presente – 80% para *ter* e 79% para *ter pessoal*, como observamos em (11) e (12). O verbo *haver*, por sua vez, apresenta uma redução de uso no tempo presente – 44%, como observamos em (13), e aumenta suas realizações no pretérito perfeito – 28% e pretérito imperfeito – 16%, como observamos em (14) e (15). Ao considerarmos o conjunto de realizações de *haver* no tempo passado, ficamos com um percentual de 44%, mostrando que esse tempo verbal tende a favorecer o uso desse verbo (CALLOU; AVELAR, 2000; DUARTE, 2003; VITORIO, 2011, 2012b). Quanto ao uso de *existir*, observamos um uso restrito ao tempo presente, como observamos em (16).

Construções existenciais	Presente Aplic. / Perc.	Perfeito Aplic. / Perc.	Imperfeito Aplic. / Perc.	Outros Aplic. / Perc.	Total
Ter	178 / <b>80%</b>	13 / 6%	21 / 9%	11 / 5%	223
Ter pessoal	78 / <b>79%</b>	8 / 8%	7 / 7%	6 / 6%	99
Haver	14 / <b>44%</b>	9 / <b>28%</b>	5 / <b>16%</b>	4 / 12%	32
Existir	27 / <b>100%</b>	-	-	-	27

Tabela 1: Construções existenciais e a variável tempo verbal

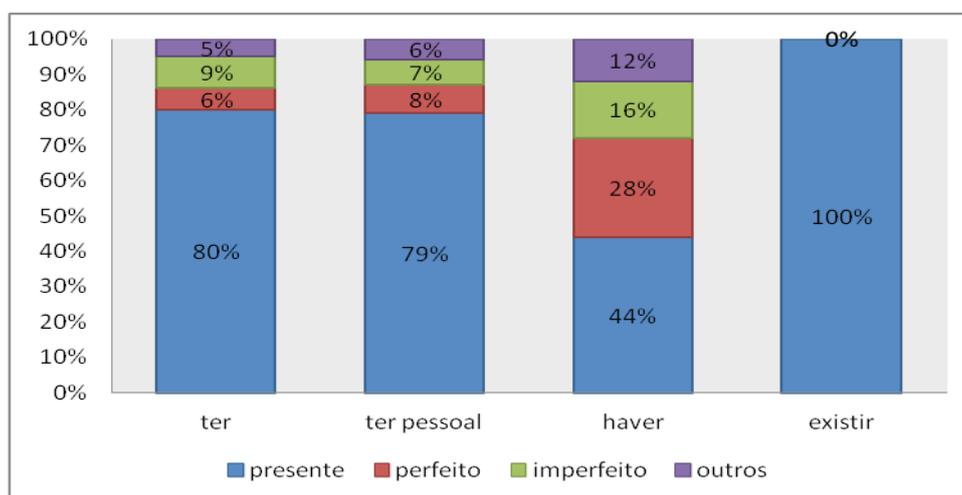


Gráfico 2: Construções existenciais e a variável tempo verbal

(11) – eu acho que num *tem* nenhuma cidade que chegue perto de Maceió (L4L23)

(12) de um lado **você** *tem* regiões muito ricas como a Ponta Verde o Farol o Aldebaram é:: alguns conjuntos na Serraria [...] (L58L2343)

(13) às vezes *há* outras pessoas que suspeitam por exemplo do meu irmão (L6L333)

(14) *houve* uns dois crimes aí que chocaram um pouco (L31L1416)

(15) eu fazia hidroginástica e comecei a sentir um mal estarzinho aí – sim – como já *havia* o histórico da família porque a minha mãe já tinha feito aí os médicos acharam melhor investigar né? (L54L2045)

(16) porque *existe* n pessoas lhe observando para lhe assaltar – até na porta do seu prédio (L14L792)

Em relação à variável *especificidade semântica do argumento interno*, pesquisas linguísticas mostram que *haver* tende a apresentar um percentual maior de realização quando o argumento interno apresenta o traço [+ abstrato] (CALLOU; AVELAR, 2000; DUARTE, 2003; VITORIO, 2011; 2012b). De acordo com os dados apresentados na tabela 2 e gráfico 3, confirmamos que *haver* tende a ser mais frequente em construções em que o argumento interno tem o traço [+ abstrato], como observamos em (17) e (18), apresentando um percentual de 88% *versus* 71% de *ter*, 70% de *existir* e 65% de *ter pessoal*.

Construções existenciais	[- abstrato] Aplic. / Perc.	[+ abstrato] Aplic. / Perc.	Total
Ter	64 / 29%	159 / 71%	223
Ter pessoal	35 / 35%	64 / 65%	99
Haver	4 / 12%	28 / <b>88%</b>	32
Existir	8 / 30%	19 / 70%	27

Tabela 2: Construções existenciais e a variável especificidade semântica do argumento interno

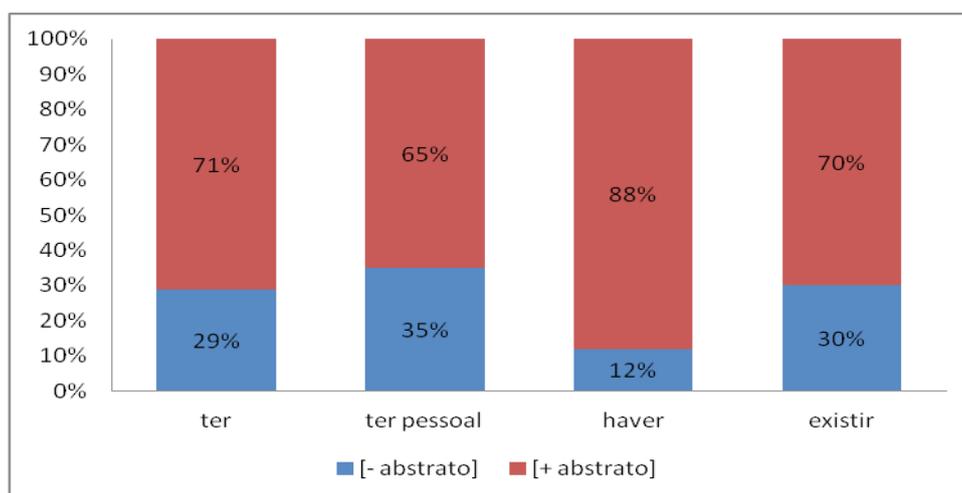


Gráfico 3. Construções existenciais e a variável especificidade semântica do argumento interno

(17) ali *há* uma cultura sendo valorizada (L70L2955)

(18) por trás desse empreendimento *há* um interesse de captar verba (L58L2363)

Para a análise da variável *ausência versus presença de elementos à esquerda do verbo*, partimos do pressuposto de que as construções existenciais, apresentando uma ordem mais fixa – V DP (COELHO, 2000; SPANO, 2002), seriam estruturas com uma posição à esquerda de V disponível ao preenchimento por elementos diversos, tendo em vista que, no português brasileiro, há uma tendência a não apresentar o verbo em primeira posição absoluta (KATO; DUARTE, 2003). Dessa forma, teríamos, segundo Duarte e Kato (2008) e Berlinck, Duarte e Oliveira (2009), não só a presença de sintagmas adverbiais, marcadores discursivos, negação, pronomes relativos e conjunções subordinativas na posição pré-verbal, mas também a presença de DPs plenos (lexicais e pronominais), evitando a posição vazia de sujeito.

Em primeiro lugar, destacamos, conforme tabela 3, o alto percentual de elementos periféricos na posição à esquerda do verbo – 85% *versus* 15% de ausência. Esses resultados vão ao encontro da proposta de Kato e Duarte (2003) de que o português brasileiro tende a mostrar uma maior resistência a apresentar o verbo em primeira posição, recorrendo, assim, a elementos argumentais e não-argumentais para ocupar a posição pré-verbal.

	Aplic. / Total	Percentual (%)
Ausência de preenchedor	58 / 381	15%
Presença de preenchedor	323 / 381	85%

Tabela 3: Ausência *versus* presença de elementos à esquerda do verbo

Por fim, vejamos, na tabela 4, que elementos estão ocupando a posição à esquerda do verbo e como estão distribuídos.

Preenchedores à esquerda do verbo	Aplic. / Total	Percentual (%)
Ausência de preenchedores	58 / 381	15%
Negação	86 / 381	23%
Advérbios aspectuais e focalizadores	17 / 381	5%
SADVs e SPs – locativos/temporais	31 / 381	8%
Relativos / Subordinativos	40 / 381	10%
Marcadores discursivos / Coordenativos	49 / 381	13%
DPs lexicais	24 / 381	6%
DPs pronominais	76 / 381	20%

Tabela 4: Tipos de preenchedores à esquerda do verbo

Primeiramente, apresentamos um percentual de 15% que se relaciona à ausência de elementos na posição à esquerda do verbo, como observamos em (19) e (20), e nos remete à discussão acima de que o português brasileiro parece rejeitar o verbo em primeira posição absoluta. Em seguida, temos um percentual de 23% para a negação, como observamos em (21) e (22). Marins (2011) já destaca o alto percentual de uso da negação em posição pré-verbal nas construções existenciais do português brasileiro.

(19) – *tem* um bairro lá que só vive índios (L4L102)

(20) – *tem* muita violência lá (L21L864)

(21) – **não** *tem* gestão né? (L29L1122)

(22) **num** *tem* cuidado com o cidadão (L31L1385)

Os advérbios aspectuais e os focalizadores, como observamos em (23) e (24), apresentam um percentual de 5% e os SADVs e SPs – locativos e temporais, como observamos em (25) e (26), apresentam percentuais de 8%. Franchi, Negrão e Viotti (1998) argumentam que as construções existenciais se ancoram “de um modo generalíssimo, em um campo espaço-temporal” (p. 108), sugerindo que esses elementos exercem uma função de quase argumentos nessas sentenças no português brasileiro.

(23) em termos de prefeitura **já** *houve* um grande avanço (L68L2635)

(24) **só** *tem* injeção (L14L719)

(25) **lá em João Pessoa** *tem* umas curvas meio complicadas (L31L1473)

(26) [...] só que eu não reparei que **do outro lado da rua** *tinha* um cidadão que tava com um revólver (L58L2428)

Os próximos elementos analisados são os pronomes relativos e conectores subordinativos, que apresentam um total de 10%, como observamos em (27) e (28). A seguir, temos os marcadores discursivos e os conectores coordenativos, como observamos em (29) e (30), com um percentual de 13%. Esses elementos, diferentemente daqueles, apresentam o mesmo comportamento no sentido de não contraírem uma função sintática com um elemento ou uma oração anterior e são responsáveis, mais especificamente, pelo fluxo discursivo (RISSO, 2006; URBANO, 2006).

(27) eu também tô gostando apesar das disciplinas das implicações **que tem** (L6L270)

(28) eu acho **que tem** uns problemas mais graves tipo segurança (L6L307)

(29) eu moro ali perto do macro – **aí tem** um sinal – eu fui quando eu coloquei o pé o sinal tava fechado pra eles vermelho [...] (L6L401)

(30) não é como você vê no ensino particular **porque tem** uma homogeneidade muito grande de aluno né? (L28L933)

Em seguida, temos as construções existenciais formadas com DPs lexicais, como observamos em (31) e (32), que apresentam um percentual de 6%. Essas construções apresentam a posição de sujeito projetada e podem ser vistas, segundo Duarte (2003), como um tipo específico das construções existenciais, por não apresentarem, a priori, uma semântica exclusivamente possessiva, gerando, assim, paráfrases com o verbo *haver*, como observamos em (33) e (34).

(31) **Alagoas** não *tem* pessoas qualificadas (L47L1817)

(32) **o carro dela** não *tinha* nada – tudo foi roubado (L14L781)

(33) Não *há* pessoas qualificadas **em Alagoas**.

(34) Não *havia* nada **no carro dela** – tudo foi roubado.

Por fim, temos as construções existenciais formadas com DPs pronominais, como observamos em (35) e (36), com um percentual de 20%. Essas construções representam o que Duarte (2003) chama de efeito colateral da mudança, ou seja, com a perda do Princípio Evite Pronome (DUARTE, 1995), o português brasileiro, ao passar de uma língua [+ sujeito nulo] para [- sujeito nulo], tende a realizar não só os sujeitos referenciais definidos e arbitrários, mas também caminha para o preenchimento dos sujeitos não-referenciais / não-argumentais, constituindo, assim, uma etapa natural do processo de mudança.

(35) por isso eu digo – **você** não *tem* profissionais pra isso (L47L1781)

(36) em Maceió o que **eu tenho** é uma área voltada ao turismo pouco industrializada /mais, mas/ eu digo é uma cidade em crescimento (L30L1205)

### 2.3. Variáveis sociais

Ao analisarmos a atuação da variável *faixa etária* nas realizações de *ter*, *ter pessoal*, *haver* e *existir*, verificamos, conforme a análise da tabela 5 e do gráfico 4, que, com o aumento da faixa etária dos falantes, a realização de *ter* tende a diminuir, enquanto as realizações de *ter pessoal*, *haver* e *existir* tendem a aumentar na fala culta alagoana, mostrando uma representação gráfica que sinaliza uma mudança em tempo aparente.

Construções existenciais	F1 (15-29 anos) Aplic./Total %	F2 (30-44 anos) Aplic./Total %	F3 (+ 44 anos) Aplic./Total %
Ter	84 / 109 77%	62 / 106 59%	77 / 166 46%
Ter pessoal	21 / 109 19%	25 / 106 24%	53 / 166 32%
Haver	2 / 109 2%	11 / 106 10%	19 / 166 12%
Existir	2 / 109 2%	8 / 106 7%	17 / 166 10%

Tabela 5: Construções existenciais e a variável faixa etária

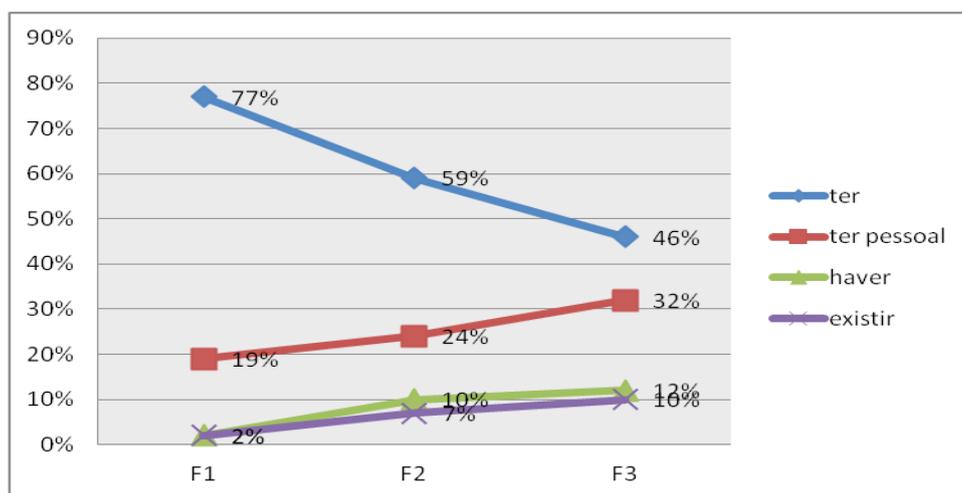


Gráfico 4. Construções existenciais e a variável faixa etária

Esses resultados mostram que, em todas as faixas etárias, *ter* é a forma verbal preferida, atingindo, entre os falantes mais jovens, um percentual de 77%. Quanto ao uso de *ter pessoal*, verificamos que há um aparente equilíbrio nas três faixas etárias, mas com um aumento gradual dos percentuais, alcançando um índice de 32% na F3. Em relação ao uso de *haver* e *existir*, observamos, conforme gráfico 4, duas curvas semelhantes. Na F1, *haver* e *existir* atingem apenas 2% de uso, mostrando que as realizações desses verbos estão praticamente extintas entre os falantes mais jovens. Entre os falantes das F2 e F3, obtivemos percentuais de 10% e 12% para *haver* e 7% e 10% para *existir*, indicando que são os falantes dessas faixas etárias os responsáveis pelas poucas realizações dessas construções existenciais.

Quanto à atuação da variável *sexo*, verificamos, conforme tabela 6 e gráfico 5, que há um equilíbrio na distribuição das construções existenciais entre homens e mulheres, indicando que esta variável não influencia na realização dessas construções. É no uso de *ter pessoal* que observamos uma diferença maior na distribuição entre homens e mulheres, uma diferença de 10 pontos percentuais – 22% para os falantes do sexo masculino e 32% para os falantes do sexo feminino, o que indicaria que as mulheres

utilizam mais essa forma verbal. Em relação ao uso de *ter*, *haver* e *existir* atingimos apenas uma diferença de 4 pontos percentuais para *ter* e *haver* e 2 pontos percentuais para *existir*. Vitória (2012b) também mostra que homens e mulheres apresentam um comportamento linguístico semelhante no uso dessas construções.

Construções existenciais	Masculino		Feminino	
	Aplic./Total	%	Aplic./Total	%
Ter	143 / 239	60%	80 / 142	56%
Ter pessoal	53 / 239	<b>22%</b>	46 / 142	<b>32%</b>
Haver	24 / 239	10%	8 / 142	6%
Existir	19 / 239	8%	8 / 142	6%

Tabela 6: Construções existenciais e a variável sexo

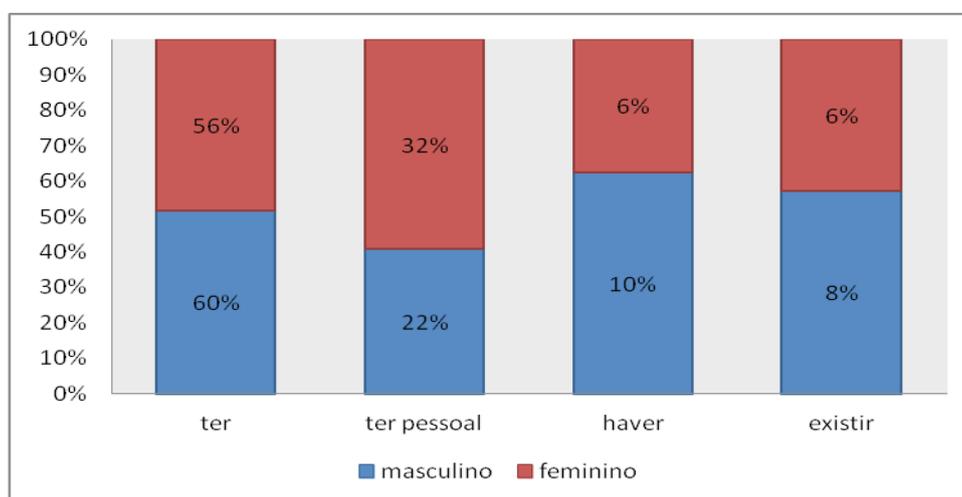


Gráfico 5: Construções existenciais e a variável sexo

## 2.4. A representação do sujeito pronominal

Avelar e Callou (2011) argumentam que o uso de *você* com referência genérica em sentenças existenciais com *ter*, como observamos em (37), pode ser visto como uma inovação encaixada em um conjunto mais amplo de mudanças relativas à posição de sujeito por que vem passando o português brasileiro. A implementação dessas construções pode ser relacionada à condição anti-V1 (Cf. DUARTE; KATO, 2003), o que tem levado à realização tanto de constituintes argumentais quanto não-argumentais na posição pré-verbal. No caso das construções existenciais, o uso de tal pronome não estabelece uma relação temática com o verbo *ter*, funcionando apenas como um sujeito gramatical da sentença.

(37) em Kioto VOCÊ tem aquela confusão da rua, trânsito carro pra caramba, mas VOCÊ tem aqueles castelos de imperadores antigos, não sei o quê (NURC-RJ, AC/90, Inq. 012, Faixa 1) (*apud* AVELAR; CALLOU, 2011, p. 288)

Em relação às realizações dessas construções no português brasileiro, Duarte (2003) apresenta percentuais significativos – 18% na amostra de 80 e 37% na amostra de 2000, mostrando que, de uma década para a outra, não só há um aumento no percentual desses elementos, como também aumentam os tipos de pronomes utilizados nessas construções, a saber, na amostra de 80, só havia realizações de *você* e *a gente*, mas, na amostra de 2000, há realizações dos pronomes *você*, *a gente*, *eu*, *nós*, *ele/ela* e *se*.

Berlinck, Duarte e Oliveira (2009), na seção sobre as construções existenciais com *ter/haver*, pontuam dois aspectos relevantes sobre essas construções no português brasileiro, a saber, a substituição de *haver* por *ter* no português brasileiro falado e a implementação de sentenças pessoais com *ter*. Com relação às sentenças com *ter pessoal*, as autoras atribuem sua implementação à preferência por *ter* sobre *haver* e mostram que os pronomes utilizados nessas construções são os mesmos que aparecem representando o sujeito indeterminado, predominando o uso de *você*, *nós*, *a gente* e *eu*.

Em nossa análise, obtivemos não só um percentual de 20% de uso dessas construções, confirmando que há uma tendência a realizar tais elementos, como também verificamos, conforme podemos observar no gráfico 6, as realizações dos pronomes *você*, *a gente*, *eu*, *nós*, *se* e *ele/ela*, o que indica que a fala culta alagoana reorganiza as construções existenciais lançando mão de uma série de pronomes para ocupar a posição de sujeito, conforme pontuam Duarte (2003) e Berlinck, Duarte e Oliveira (2009).

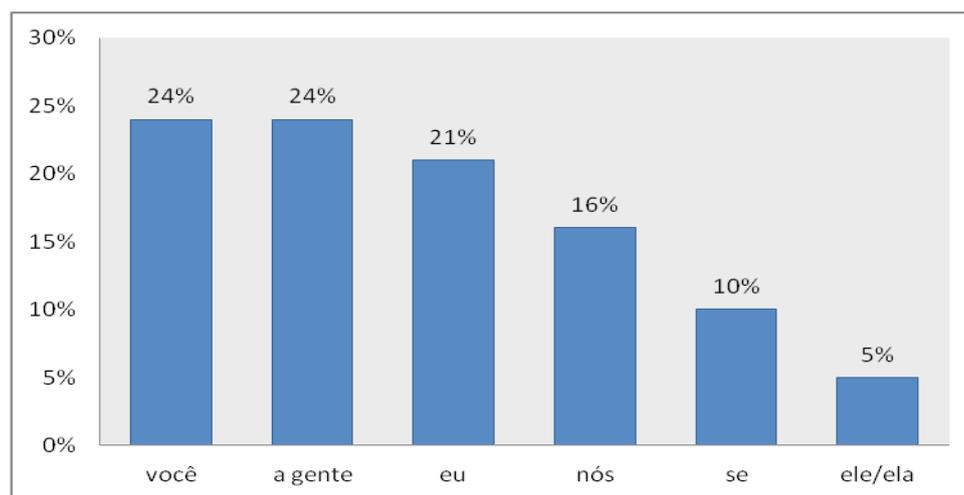


Gráfico 6: Realizações de DPs pronominais na fala culta alagoana

De acordo com o gráfico 6, observamos que os pronomes *você* e *a gente* apresentam percentuais de 24%, como observamos em (38) e (39). Em seguida, temos a realização do pronome *eu*, com um percentual de 21%, como observamos em (40). O pronome *nós*, como observamos em (41), apresenta um percentual de 16%, seguido do pronome *se*, com um percentual de 10%, com observamos em (42), e, por fim, temos as realizações dos pronomes *ele/ela*, como observamos em (43), com um percentual de 5%.

(38) eu acho que pra que **você** tenha um povo civilizado um povo que tenha mais amor pela sua cidade né? – no crescimento dela eu acho que você precisa de educação você precisa de saúde [...] (L7L461)

(39) **a gente** num tem um policiamento aqui (L14L96)

(40) Maceió eu digo que é uma assim é:: **eu tenho** um lado turístico – Maceió é muito voltado – Alagoas em si ela é muito voltada pra capital Maceió – o resto é interior e o que **eu tenho** é assim é a interiorização é monocultura (L30L1200)

(41) e **nós** não *temos* segurança em Alagoas (L70L2858)

(42) não **se tem** um trabalho assistencialista em Alagoas (L67L2556)

(43) aqui onde eu moro eu tenho banco, mas onde minha irmã mora **ela** não *tem* banco – **ela** não *tem* nem posto de saúde (L55L2119)

Esses dados confirmam a tendência do português brasileiro a apresentar DPs pronominais na posição pré-verbal das construções existenciais com o verbo *ter*, “apresentando nosso sistema um conjunto de estruturas em que tal posição, antes categoricamente vazia, passaria a se mostrar preenchida” (DUARTE, 2003, p. 124). Levando em consideração o conjunto mais amplo de mudanças relativas à posição de sujeito e sua representação por que vem passando o português brasileiro, podemos argumentar, conforme Avelar e Callou (2011), que o uso dessas construções está relacionado ao fato de que, no português brasileiro, há uma tendência a inserir elementos argumentais e não-argumentais na posição de sujeito gramatical, evitando que o verbo ocorra em posição inicial da sentença.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, focalizamos as realizações das construções existenciais formadas com os verbos *ter*, *ter pessoal*, *haver* e *existir* na fala culta alagoana, com o intuito de observar como essa variação ocorre e se há uma tendência à realização de DPs pronominais na posição pré-verbal nas construções com o verbo *ter*. Para tanto, utilizamos um modelo de estudo da mudança – a Teoria da Variação e Mudança, associada a estudos linguísticos recentes sobre as construções existenciais e a representação do sujeito pronominal no português brasileiro.

De acordo com os resultados obtidos, verificamos que há uma preferência por *ter* sobre *haver* e *existir*, confirmando que *ter* é o verbo existencial canônico na fala culta alagoana, embora *haver* ainda ocorra em frequência razoavelmente significativa na fala de indivíduos mais velhos, particularmente com a forma verbal no passado e argumento interno [+ abstrato]. E essa preferência por *ter*, favorece as realizações de *ter pessoal*, mostrando que há uma tendência à realização de DPs pronominais nas construções existenciais com o verbo *ter*.

Esses resultados confirmam as hipóteses de que *haver* teria deixado de compor o acervo de itens funcionais, passando a verbo existencial substantivo, como é o caso de *existir*, o que justificaria a quase não realização desses verbos na fala culta alagoana e que o português brasileiro tende a não realizar o verbo em primeira posição absoluta, recorrendo, entre outros elementos, ao uso de DPs pronominais para ocupar tal posição, antes uma posição vazia.

## EXISTENTIAL CONSTRUCTIONS AND THE REPRESENTATION OF THE PRONOMINAL SUBJECT

### ABSTRACT

In this paper, we focus on the variation of existential constructions in the cultured speech of Alagoas, in order to observe how this variation occurs and if there is a trend to use DPs pronouns in the subject position. We used the Theory of Variation and Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]), associated with linguistic studies about existential constructions and representation of the subject pronoun (AVELAR; CALLOU, 2007, 2011; AVELAR, 2009). The results show that there is a preference for “*ter*” on “*haver*” and “*existir*” and this preference favors the occurrence “*ter pessoal*”, indicating that there is a tendency to use DPs pronouns.

**KEY WORDS:** existential constructions, DP pronoun; spoken language.

### REFERÊNCIAS

- Avelar, J. (2006a). De verbo funcional a verbo substantivo: uma hipótese para a supressão de *haver* no português brasileiro. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 41, n. 1, p. 49-74.
- Avelar, J. (2006b). Gramática, competição e padrões de variação: casos com *ter/haver* e *de/em* no português brasileiro. *Revista de Estudos da Linguagem*, 4, p. 99-144.
- Avelar, J. (2009). The status of the (supposed) expletive in brazilian portuguese existential clauses. In: Danièle Tork; Leo Wetzels. (org.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins.
- Avelar, J.; Callou, D. (2007). Sobre a emergência do verbo possessivo em contextos existenciais no português brasileiro. In: Castilho, A. et al. (org.) *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. São Paulo: Editora Pontes, p. 375-402.
- Avelar, J.; Callou, D. (2011). Sentenças existenciais e preenchimento de sujeito: indícios de mudança em progresso na fala culta carioca. In: Silva, A.; TorreS, A.; Gonçalves, M. (org.). *Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, p. 287-299.
- Berlinck, R. (1989). A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: Tarallo, F. (org.). *Fotografias sociolinguísticas*. Campinas: Pontes Editora, p. 95-112.
- Berlinck, R.; Duarte, E.; Oliveira, M. (2009). Predicação. In: Kato, M.; Nascimento, M. *Gramática do português culto falado no Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp.
- Callou, D.; Avelar, J. (2000). Sobre *ter* e *haver* em construções existenciais: variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, Niterói, n. 9, p. 85-100.
- Callou, D.; Duarte, E. (2005). A fixação do verbo *ter* em contextos existenciais. *Actas do XX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, APL.
- Cavalcante, S. (1999). *A indeterminação do sujeito na escrita padrão: a imprensa carioca dos séculos XIX e XX*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ – FL.

- Chomsky, N. (1995). *The minimalist program*. Cambridge: MIT Press.
- Coelho, I. (2000). *A ordem V DP em construções monoargumentais: uma restrição sintático-semântica*. Tese de Doutorado. UFSC.
- Coelho, I. (2006). Variação na sintaxe: estudo da ordem do sujeito no PB. In: Ramos, J. (org.). *Estudos sociolinguísticos: quatro vértices do GT da ANPOLL*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 84-99.
- Coelho, I.; Monguilhott, I.; Martins, M. (2008). Estudo diacrônico da inversão sujeito-verbo no português brasileiro: fenômenos correlacionados. In: Roncarati, C.; Abraçado, J. (org.). *Português Brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niteroi: EdUFF, p. 137-157.
- Duarte, E. (1993). Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In: Roberts, I.; Kato, M. *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Duarte, E. (1995). *A perda do Princípio "Evite Pronome" no Português Brasileiro*. Tese de Doutorado. IEL-UNICAMP.
- Duarte, E. (2003). O sujeito expletivo e as construções existenciais. In: Roncarati, C.; Abraçado, J. (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. São Paulo: 7 Letras, p. 123-131.
- Duarte, E. (2007). Sujeitos de referência definida e arbitrária: aspectos conservadores e inovadores na escrita padrão. *Linguística*, Rio de Janeiro, v. 3, n.1, p. 89-115, junho.
- Duarte, E. (2008). O sujeito de referência indeterminada em sentenças infinitivas. *Revista do Gel*, S. J. do Rio Preto, v. 5, n. 1, p. 9-30.
- Duarte, E.; Kato, M. (2008). *Mudança paramétrica e orientação para o discurso*. Congresso da ALI, Braga, Portugal.
- Duarte, E. (2012). Os sujeitos de 3ª pessoa: REvisitando Duarte 1993. In: Duarte, E. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola.
- Dutra, C. (2000). *Ter e haver na norma culta de Salvador*. Dissertação de Mestrado. UFBA.
- Franchi, C.; Negrão, E.; Viotti, E. (1998). Sobre a gramática das orações impessoais com ter/haver. *Revista D.E.L.T.A.*, vol.14, n. especial, p. 105-131.
- Harley, H; Noyer, R. (2003). Distributed Morphology. In: Cheng, L; Sybesma, R. (orgs.). *The second Glot International*. Mouton de Gruyter.
- Kato, M.; Duarte, E. (2003). *Semantic and phonological constraints on the distribution of null subjects in Brazilian Portuguese*. Comunicação apresentada no NWAV32, realizado na Universidade da Pensilvânia, em outubro de 2003.
- Labov, W. (2008[1972]). *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola.

- Marins, J. (2011). A competição entre *ter*, *haver* e *existir* no PE e PB: uma abordagem diacrônica. In: SILVA, A.; Torres, A.; Gonçalves, M. (org.). *Línguas pluricêntricas: variação linguística e dimensões sociocognitivas*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia, p.457-472.
- Martins, L.; Callou, D. (2003). Mudança em tempo aparente e em tempo real: construções *ter/haver* existenciais. In: ENCONTRO DO CELSUL, 5, 2003, Curitiba. *Anais...* Curitiba: p. 820-825.
- Risso, M. (2006). Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: Jubran, C; Koch, I. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1. Campinas: Editora da Unicamp.
- Rumeu, M. (2011). Estratégias de indeterminação do argumento externo do verbo em jornais portugueses e brasileiros. *Veredas on line – atemática*, p. 49-65, 1.
- Santos, D.; Soares da Silva, H. (2012). A ordem V-DP/DP-V com verbos inacusativos. In: Duarte, E. (org). *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola.
- Silva, R. (2001). *Variação ter/haver na fala pessoense*. Dissertação de Mestrado. UFPB.
- Spano, M. (2002). *A ordem V SN em construções monoargumentais na fala culta do português brasileiro e europeu*. Dissertação de Mestrado. UFRJ.
- Urbano, H. (2006). Marcadores discursivos basicamente interacionais. In: Jubran, C; Koch, I. (orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil*. v. 1. Campinas: Editora da Unicamp.
- Vargas, A. (2012). A evolução na representação das estratégias pronominais de indeterminação. In: Duarte, E. (org.). *O sujeito em peças de teatro (1933-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola.
- Vitório, E. (2010) Um estudo sobre a variação *ter* e *haver* existenciais na escrita de alunos dos ensinos fundamental e médio da cidade de Maceió. *Revista Eletrônica Via Litterae*, Anapolis, v. 2, n. 1, p. 75-87, jan. / jun.
- Vitório, E. (2011). A alternância de *ter/haver* existenciais na fala maceioense. *Interdisciplinar – Revista de Estudos de Língua e Literatura*. Ano VI, V. 14, p. 77-85.
- Vitório, E. (2012a). A alternância dos verbos *ter* e *haver* em construções existenciais na escrita jornalística. In: SINIEL, 2012, Recife. *Anais...* Recife: p. 434-450.
- Vitório, E. (2012b). *Ter/haver existenciais na fala alagoana: variação estável ou mudança em progresso?* Tese de Doutorado. PPGLL/UFAL.
- Weinreich, U.; Labov, W.; Herzog, M. (2006[1968]). *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. São Paulo: Parábola Editorial.